

Questões de vestibulares particulares

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

Questões de vestibulares particulares

1. a) Nos seguintes períodos, há excesso de construções subordinadas, com uso enfadonho de “quês”. Reescreva, eliminando todos os “quês” destacados. Faça as alterações necessárias, mas mantenha o sentido original. (Não é permitido substituir “que” por “o qual”, “a qual” e respectivas flexões).

Estudos recentes indicam que o riso é um dos melhores remédios para os males da alma. Os cientistas descobriram que ele é um dos principais processos que deflagram a produção de serotonina, que é responsável pela sensação de bem-estar. Gargalhadas e sorrisos francos fazem com que aumente a quantidade de serotonina que o organismo libera, podendo evitar que as pessoas entrem em estados depressivos.

b) Nas expressões abaixo, é sempre possível inverter a ordem entre o termo de valor **substantivo** e o termo de valor **adjetivo**? A inversão acarreta sempre uma mudança sensível no significado da expressão? Dê respostas completas e justificadas.

I – estímulo ambiental

II – relação maravilhosa

III – resposta certa

2. a) Mantendo o sentido original, reescreva o período abaixo continuando-o a partir do início sugerido (faça adaptações que julgar necessárias).
- O ciúme não provém tanto da força das razões que fazem julgar que se pode perder um bem como da grande estima que se lhe concede.*

O ciúme provém mais...

b) Reescreva o período abaixo, transformando a oração reduzida grifada em oração desenvolvida:

***Amando naturalmente a justiça**, ficamos desgostosos pelo fato de ela não ser observada na distribuição dos bens.*

3. Carta ao leitor

Santa Luzia do Céu, 12 de novembro de 2010.

Senhor Editor:

Dizem que o brasileiro é dado à galhofa, mas toda galhofa traz uma verdade subentendida. O fato de Tiririca ter sido o candidato a deputado federal mais votado não pode ser tomado como uma simples leviandade de mais de um milhão de eleitores.

Creio que há nessa escolha um grande desencanto com o mundo político. No Congresso são muitos os que têm curso superior e o que vemos diariamente nos jornais e na TV não é nada animador: falta de decoro parlamentar, dinheiro transportado de tudo que é jeito, votações tumultuadas, em que ninguém ouve ninguém. Resolver mesmo os problemas do país parece algo fora de cogitação. Cada um vota de acordo com seus interesses, esquecendo completamente para que foram eleitos.

Não é de espantar, poios, que um semianalfabeto tenha tido votação tão expressiva.

Atenciosamente,
José da Silva Tormenta.

“Dizem que o brasileiro é dado à galhofa, mas toda galhofa traz uma verdade subentendida”. Com essa frase inicial o autor da carta quer dizer que:

- a) As brincadeiras têm fundo de verdade.
- b) As galhofas em nada ajudam a estabelecer a verdade.
- c) Os brasileiros brincam com coisas sérias.
- d) As verdades nunca são ditas por meio de piadas.
- e) As brincadeiras escondem algo que não deve ser dito.

- 4.** Carros de bombeiros ambulâncias motocicletas sirenes rolos de fumaça pro céu, os estudantes, flâmulas, hinos, incendeiam automóveis, arrebatam calçadas, estilhaçam vidros de embaixadas. Sobre a radiopatrulha tombada o chefe discursa, atíça a mocidade, se proclama, censura a censura, insulta as injustiças, apresenta, oferecido, seu martírio à humanidade. Nos edifícios a multidão aclama, assovia, lança papel picado, grita abaixo. E o líder, nos braços dos colegas, sentencia: morte à polícia, morte, morte. O empregado da casa de joias golpeia o vento com a barra de ferro, defende o que pertence ao patrão, mas é seguro, surrado, e os estudantes investem contra a loja donde um velho sai gritando meu filho, meu filho. O estudante espadaúdo alerta:
- Para, a loja é do meu pai -, a massa de estudantes se desvia, respeita a loja e o velho que acena sorrindo e instigando abaixo, abaixo. Os estudantes retomam o hino, e o velho, ao empregado ferido:
 - Cretino.

(CAVALCANTI NETTO, João Uchôa. *O equívoco*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rio, 2005, pág. 41)

No segmento “os estudantes (...) incendeiam automóveis, arrebentam calçadas, estilhaçam vidros de embaixadas”, a fúria desordenada dos personagens é descrita como ações independentes entre si. O autor consegue visualizar essas ações por meio do seguinte recurso da estilística sintática:

- a) Utilização do pretérito perfeito do indicativo.
- b) Emprego de orações coordenadas assindéticas.
- c) O papel das vírgulas é enfatizar os atos de vandalismo.
- d) Os verbos no presente descrevem ações habituais e repetidas.
- e) Uso de orações coordenadas sindéticas aditivas.

5. Não confie no que seus olhos dizem (principalmente se você estiver muito concentrado)

Ana Carolina Prado

É universal: quando nós vamos mostrar algo muito importante ou complicado a alguém, pedimos para essa pessoa “prestar atenção”. Geralmente, fazemos isso porque acreditamos que manter um foco mais intenso ou um contato visual mais cuidadoso vai nos ajudar a perceber o mundo de uma forma mais precisa. Mas tome cuidado com essa ideia: a ciência acabou de descobrir que não é bem assim que a *coisa* funciona. Um novo estudo da Universidade de Yale, que será publicado em breve no periódico *Psychological Science*, mostrou que manter um foco muito intenso em algo pode é provocar o efeito contrário e distorcer a nossa percepção espacial.

A pesquisa, conduzida pelos psicólogos cognitivos Brandon Liverance e Brian Scholl, é surpreendente porque mostra que mesmo algo relativamente simples, como perceber onde um objeto está em relação a outros, pode ser distorcido pela nossa mente. Esses resultados fortalecem um campo crescente da psicologia cognitiva que desestabiliza nossa confiança na ideia de que sabemos algo com certeza – e coloca em xeque nossos métodos para compreender o mundo com mais exatidão. “A atenção é a forma como as nossas mentes se conectam com as coisas no ambiente”, explicou para a Medical Xpress o pesquisador Liverance, um dos autores do estudo. “Nós tendemos a pensar que a atenção esclarece o que está lá fora. Mas ela também distorce”. Não confie tanto no que seus olhos dizem: eles também podem ser enganados pela sua mente.

(Adaptado de Revista Superinteressante, 13 de setembro de 2011.)

“(…) quando nós vamos mostrar algo muito importante ou complicado a alguém (...)” (primeira linha). O conector destacado apresenta valor semântico de...

- a) Finalidade.
- b) Explicação.
- c) Tempo.
- d) Consequência.
- e) Oposição.

6. Texto 1

O Prazer e a Dor

Quanto a Sócrates, sentara-se no leito e, tendo encolhido a perna, esfregava-a fortemente com a mão. E enquanto a esfregava dizia-nos: “Como parece aparentemente desconcertante, amigos, isso que os homens chamam de prazer! Que maravilhosa relação existe entre a sua natureza e o que se julga ser o seu contrário, a dor! Tanto um como a outra recusam ser simultâneos no homem; mas procure-se um deles – tenhamos preso um deles – e estaremos sujeitos quase sempre a encontrar também o outro, como se fossem uma só cabeça ligada a um corpo duplo! Parece-me, mesmo, que Esopo, se nisso tivesse pensado, teria composto uma fábula a esse respeito: a Divindade, desejosa de lhes pôr fim aos conflitos, como visse frustrado o seu intento, amarrou juntas as duas cabeças; e é por isso que, onde se apresenta um deles, o outro vem logo. É, assim, que se lhe afiguram as coisas: devido ao grilhão, há pouco sentia dor na minha perna, e já agora sinto prazer! [...]

(Platão. Fedon, Coleção Os pensadores. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, p. 60-61)

Texto 2

A propósito de botas

[...] Fui descalçar as botas, que estavam apertadas. Uma vez aliviado, respirei à larga, e deitei-me a fio comprido, enquanto os pés, e todo eu atrás deles, entrávamos numa relativa bem-aventurança. Então considerei que as botas apertadas são uma das maiores venturas da Terra, porque, fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as descalçar. Mortifica os pés, desgraçado, desmortifica-os depois, e aí tens a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros e de Epicuro. [...] Inferi eu que a vida é o mais engenhoso dos fenômenos, porque só aguça a fome, com o fim de deparar a ocasião de comer, e não inventou os calos, senão porque eles aperfeiçoam a felicidade terrestre. Em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas.

(Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Obra Completa, vol. 1, p. 555-556)

- a) Ao tematizar a relação entre prazer e dor, os textos 1 e 2 valem-se de imagens concretas semelhantes – a do grilhão e a das botas. Diga que ideia comum essas imagens ajudam a caracterizar.
- b) Explique: Do texto 1, depreende-se que, pelo menos de um certo ponto de vista, a dor e o prazer se excluem.
- c) Explique a ironia presente na seguinte passagem do texto 2 (linha 5-6): “e não inventou os calos, senão porque eles aperfeiçoam a felicidade terrestre”

7. a) Transforme em discurso indireto a seguinte passagem:

Leonardo disse ao menino:

- És filho de uma pisadela e de um beliscão; mereces que um pontapé te acabe a casta.

b) Reescreva o período abaixo empregando o substantivo “injúria” no plural:

E a injúria que ia soltar era tão grande que o engasgou.

8. O intelectual pop

Talvez o sentido mais forte da expressão “intelectual pop”, no meu caso, seja o fato de pertencer a uma geração literária que teve entre seus primeiros mestres e inspiradores estrelas do mundo do espetáculo. Na poesia fomos nutridos por Caetano Veloso e Chico Buarque, entre muitos outros bambas da canção popular. Nossa narrativa mestra foi o cinema. Nossa trilha sonora, o rock internacional, que estruturou sensibilidades, sentimentos, comportamentos. Fomos uma geração musical, mais que visual ou televisiva.

Somos dançantes.

Herdeiros de sangue da esquerda festiva, que nos anos 70 tornou-se “fração desejante”. Me deram esse apelido na vila dos diretórias da PUC, quando lá fiz mestrado e iniciei um tempo de militância. Meu sarampão comunista, como diria Oswald de Andrade. O pop foi a fração dançante do meu passado militante.

A participação política está na própria definição original da palavra em francês. Nessa acepção, o intelectual é mais que apenas o profissional do estudo e do pensamento. Trata-se de alguém que sistematicamente busca intervir no debate público. Levar ideias ao grande público e não apenas aos círculos de especialistas.

Dessa forma, por tradição, na modernidade, o intelectual está imerso no mundo. Ser pop é ser mundano, não mais clerical. Nada de torre de marfim. Nem de viver num aquário, ou numa redoma. Atravessar constantemente as fronteiras entre cultura erudita e cultura

popular. Pop agora é o nome da cultura popular, empacotada de mil formas na mídiaesfera. O folclore morreu. Eu diria que o perfeito intelectual pop é aquele que ironiza (que dança) a cultura erudita pelo viés da cultura popular e faz o mesmo ao reverso: ironiza o próprio pop, amorosamente, pelo viés da erudição.

Nada contra a erudição, desde que não arrogante. De resto, o mundo é pop. Como gosto de dizer, o mundo “se popificou”. Já não disseram isso numa letra de rock? O Papa é pop. E como esquecer os dirigentes políticos egressos do mundo do espetáculo? O que é Gilberto Gil? Pop que virou político ou político que virou pop? Eis aí, na *popificação*, a grande revolução cultural do século XX, a verdadeira e autêntica revolução cultural, que alterou a relação entre vida prática e vida intelectual. (...)

(MORICONI, Ítalo. In: Revista O Globo, 13/09/2009, p. 28)

Assinale a alternativa que apresente uma característica do intelectual pop **contrária** à apresentada no texto.

- a) Foi, sobretudo no campo da poesia, formado pela cultura musical dos anos 70.
- b) Pode ser figura atuante no cenário político-partidário desse início de século XXI.
- c) Recusa a precariedade da cultura midiática por ter sido ecleticamente bem formado.
- d) Define-se pelo trânsito consciente entre a cultura da midiesfera e a cultura erudita.
- e) É protagonista da autêntica revolução cultural, que é a própria “popificação”.

9. O trem enorme, na noite, em direção ao menino, e uma alegria maior que o trem cabendo no menino pequeno, e cabendo e crescendo, e crescendo e cabendo sempre. A fumaça, longe, o rolo escuro naquela noite clara como se o dia esquecera de virar noite por completo. O trem, o ronco atroante, um ronco só, um, inebriante. Agora, as janelas acesas desfilando nervosas no azul-escuro de seus olhos. E o maquinista, cara na janela, o maquinista. Ia ser maquinista, depois, quando crescesse, dono dum trem como aquele, longo, interminável, ser maquinista era ser Deus. E o Noturno, a maior alegria do mundo, sumiu. Silêncio de um mundo esvaziado. Mas logo o menino saltando dormentes, desesperado, em perseguição ao Noturno.

(CAVALCANTI NETTO, João Uchôa. *O menino*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Rio, 2003, pág. 90)

Identifique a categoria semântica que DESTOA da simbologia que impregna o termo “trem” no texto acima:

- a) Euforia
- b) Sonho
- c) Confinamento

- d) Fantasia
- e) Frustração

10. Observe o fragmento de *Diva*, romance urbano escrito por *José de Alencar*, e responda.

“Emília tinha quatorze anos quando a vi pela primeira vez.

Era uma menina muito feia, mas na fealdade núbil que promete à donzela esplendores de beleza.

Há meninas que fazem mulheres como as rosas: passam de botão à flor: desabrocham.

Outras saem das faixas como os colibris da gema: enquanto não emplumam são monstros; depois tornam-se maravilhas ou primores.

Era Emília um colibri implume; por conseguinte um monstro.

Seu crescimento fora muito rápido; tinha já altura de mulher em talhe de criança. Daí uma excessiva magreza: quanta seiva acumulava aquele organismo era consumida no desenvolvimento precoce da estatura.

Ninguém caracterizava com mais propriedade esse defeito de Emília do que a menina Júlia, sua prima. [...]

Não parava aí a fealdade da pobre Emília. A óssea estrutura do talhe tinha nas espáduas, no peito e nos cotovelos, agudas saliências, que davam ao corpo uma aspereza hirta. Era uma boneca desconjuntada amiúdo pelo gesto ao mesmo tempo brusco e tímido.

Como ela trazia a cabeça constantemente baixa, a parte inferior do rosto ficava na sombra. [...]

A respeito do traje, que é segunda epiderme da mulher e pétalas dessa flor animada, o da menina correspondia a seu físico.

Compunha-se ele de um vestido liso e escorrido, que fechava o corpo como uma bainha desde a garganta até os punhos e tornozelos; de um lenço enrolado no pescoço; e de umas calças largas, que arrastavam, escondendo quase toda a botina. [...]

Tinha um cuidado extremo em puxar para a frente as longas tranças do cabelo, que andavam sempre a dançar-lhe, como antolhos pelo rosto. Se lhe falava alguma pessoa de intimidade da família, não lhe voltava as costas como fazia com os estranhos; mas sentia logo uma necessidade invencível de coçar a cabeça, acompanhada por um repuxamento dos ombros. [...]

Muitas vezes o Sr. Duarte zombava com terna ironia desses biocos da filha:

- Deixa estar, Mila! ... dizia ele abraçando-a. – Vou mandar fazer para ti um saco de lã com dois buracos no lugar dos olhos.

Entretanto, quem soubera a anatomia viva da beleza, conhecera que havia nessa menina feia e desengraçada o arcabouço de uma soberba mulher. O esqueleto ali estava: só carecia da encarnação.

Ainda me lembro da cólera infantil de Emília, quando, a primeira vez que estive com ela, eu a perseguia de longe chamando-a:

- Minha noiva!

- Feio! ... dizia-me então.

E pronunciava essa palavra como se ela simbolizasse a maior injúria possível.”

No fragmento de *Diva* apresentado no texto, José de Alencar tem um narrador cujo nome é Amaral.

A única passagem que demonstra a presença de um narrador é...

- a) “Emília tinha quatorze anos quando a vi pela primeira vez.”
- b) “- Deixa estar, Mila!”
- c) “(...) – Vou mandar fazer para ti um saco de lã com dois buracos no lugar dos olhos.”
- d) “- Minha noiva!”
- e) “- Feio! (...)”

Gabarito

1. a) Estudos recentes indicam ser o riso um dos melhores remédios para os males da alma. Os cientistas descobriram que ele é um dos principais processos deflagradores da produção da serotonina, substância responsável pela sensação de bem-estar. Gargalhadas e sorrisos francos provocam o aumento da quantidade de serotonina liberada pelo organismo, podendo evitar que as pessoas entrem em estados depressivos.
b) A inversão entre o termo de valor substantivo e o termo de valor adjetivo é perfeitamente possível nas expressões “relação maravilhosa” e “resposta certa”, não sendo, entretanto, natural se aplicada à expressão “estímulo ambiental”. Entre os dois casos de inversão possível e natural, apenas em (III) há mudança sensível no significado: quando posposta ao substantivo, a palavra “certa” corresponde a “correta”; quando anteposta, equivale a “determinada”.
2. a) O ciúme provém mais da grande estima que se concede a um bem do que da força das razões que fazem julgar que se pode perde-lo.
b) Como amamos naturalmente a justiça, ficamos desgostosos pelo fato de ela não ser observada na distribuição dos bens.
3. A
4. B
5. C
6. a) As imagens do grilhão e das botas ajudam a caracterizar a ideia de que há uma estreita relação entre o prazer e a dor. Sugere-se, nos dois textos, que o prazer é um estado associado à supressão da dor, isto é, um estado que se faz sentir pelo contraste com o seu oposto. As imagens das botas apertadas e do grilhão ilustram bem essa ideia, pois, nos dois casos, o prazer resulta justamente da remoção daquilo que gerava a dor.
b) Do texto 1 depreende-se que a dor e o prazer, embora sejam sensações ou estados intimamente relacionados, excluem-se no que diz respeito à possibilidade de ocorrerem ao mesmo tempo no homem, o que fica óbvio na passagem “tanto um como o outro recusam ser simultâneos no homem”.
c) A ironia presente na passagem em destaque resulta da associação entre o tema grandioso do aperfeiçoamento da felicidade terrestre e algo tão prosaico quanto a

existência de calos. Tomada ao pé da letra, essa associação parece despropositada, o que favorece a leitura do trecho como irônico.

7. a) Leonardo disse ao menino que este era filho de uma pisadela e de um beliscão e merecia que um pontapé lhe acabasse a casta.
b) E as injúrias que ia soltar eram tão grandes que o engasgaram.
8. C
9. C
10. A